

ENTRE MEMÓRIA E FICÇÃO: UMA LEITURA DOS REGISTROS CASCUDIANOS

Regina Lúcia de Medeiros (UFRN)

RESUMO: Propomos uma leitura dialógica, a três vozes, de *Na ronda do tempo*, *Ontem: maginações e notas de um professor de província* e *Prelúdio e fuga do real*, obras de Luís da Câmara Cascudo. *Na ronda do tempo* (1969) e *Ontem* (1972) são diários compostos por notas múltiplas e fragmentárias, registro da vasta e múltipla experiência de Cascudo como professor, historiador, leitor de literatura, potiguar frequentador dos bares natalenses e anfitrião na sua conhecida casa da avenida Junqueira Aires. *O Prelúdio e fuga do real*, por sua vez, data de 1974 e é composto por diálogos imaginários entre um narrador-personagem que atende ao vocativo de “professor”, e personagens históricos, mitológicos ou ficcionais, além de intelectuais e políticos. Sua narrativa imaginária parece constituir o desenvolvimento e a problematização de muitas observações anteriores, por meio de uma escrita complexa que mescla ficção e memorialismo, servida pelos recursos expressivos próprios desses dois modos da produção literária. Nosso objetivo principal é caracterizar o diálogo existente entre os registros memorialísticos dos diários e a escrita híbrida do *Prelúdio e fuga do real*, observando o imbricamento da ficção e da memória e, mais extensamente, a interação entre as memórias de leituras e as memórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Cascudo; memória; dialogismo; trajetória intelectual.

ABSTRACT: We proposed a dialogic reading, in three voices, from *Na ronda do tempo*, *Ontem: maginações e notas de um professor de província* and *Prelúdio e fuga do real*, works of Luís da Câmara Cascudo. *Na ronda do tempo* (1969) and *Ontem* (1972) are books composed of multiple and fragmentary notes, registration of the extensive and multiple experience of Cascudo as a teacher, historian, literature reader, from Rio Grande do Norte, an attender of bars in Natal and a host of his famous house at Junqueira Aires Avenue. *O Prelúdio e fuga do real*, in turn, date of 1974 and it is composed of imaginary dialogues between a narrator-character who uses the vocative "teacher", and historical, mythological or fictional characters, as well as intellectuals and politicians. His imaginary narrative seems constructing the development and the questioning of many previous observations, through a complex script which mixes fiction and memorialism, served by the very expressive resources of these two modes of literary production. Our main goal is to characterize the existing dialogue between the memoirs records of the daily and hybrid writing *Prelúdio e fuga do real*, watching the interweaving of fiction and memory and, more widely, the interaction between the memories of readings and living memories .

KEYWORDS: Cascudo; memory; dialogism; intellectual trajectory.

1. Introdução

Em 1974, Luís da Câmara Cascudo publicava seu curioso *Prelúdio e fuga do real*. Composto de trinta e cinco diálogos imaginados com personagens, personalidades e escritores da predileção do seu autor, esse livro reúne em suas páginas um amálgama de reflexões realizadas em mais de sete décadas de leitura e de escrita. Em cada uma dessas

conversas imaginadas, podemos vislumbrar memórias de vida e memórias de leituras do escritor norte-rio-grandense que nos levam a conhecer temáticas e práticas importantes para o conhecimento da sua trajetória intelectual. Um modo de compreender a escrita híbrida desses diálogos fictícios é colocá-los em relação com outros livros de Luís da Câmara Cascudo e, adotando um olhar comparativo, observar movimentos de aproximação e de distanciamento entre eles.

Desse modo, sugerimos uma leitura comparativa do *Prelúdio e fuga do real*, considerando as suas relações dialógicas com *Na ronda do tempo* e *Ontem: maginações e notas de um professor de província*, que se configuram, respectivamente, como diário e caderno de anotações. Nosso objetivo, neste artigo, é caracterizar o diálogo existente entre os registros memorialísticos dos diários e a escrita híbrida do *Prelúdio e fuga do real*, verificando o imbricamento da ficção e das memórias e, mais extensamente, a interação entre as lembranças dos incidentes de uma vida intelectualmente ativa.

Vale ressaltar que partimos de estudos comparatistas que privilegiam a leitura das relações dialógicas entre os sistemas literários, culturais e sócio-históricos. Por isso, adotamos a concepção da linguagem e as célebres considerações de Bakhtin sobre o texto literário. Seguimos ainda, ao optar por essa perspectiva, os novos estudos comparatistas apontados por Carvalho (2006, p.45) – estudos esses que recorrem à consideração das diferenças existentes entre as obras analisadas e reúnem, de modo indissociável, comparatismo e descolonização literária.

Procurando o entrecruzamento da teoria literária e do comparativismo, esse novo olhar dá relevo às investigações sobre as hipóteses dialógicas e sobre o modo como um sistema incorpora ou rejeita elementos alheios. A partir dele, o estudioso pode descrever e interpretar os processos de assimilação criativa por meio de uma leitura que busca marcas diferenciais, permite a inserção do particular no universal e redimensiona os princípios e os propósitos da literatura comparada (cf. CARVALHAL, 2003). Desse modo, esta última amplia os horizontes do conhecimento estético e dá prioridade à visão crítica das literaturas nacionais.

É importante frisar que as obras de Luís da Câmara Cascudo, por um lado, dialogam entre si, e, por outro, retomam tradições poéticas ocidentais. Desse modo, privilegiamos o conceito de “dialogismo”, compreendido como um fator constitutivo da própria linguagem. Nossa compreensão pauta-se nas seguintes palavras de Bakhtin:

De fato, o caráter essencialmente dialógico em Dostoiévski não se esgota, em hipótese alguma, nos diálogos externos composicionalmente expressos, levados

a cabo pelas suas personagens. *O romance polifônico é inteiramente dialógico*. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto. As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância. (BAKHTIN, 1997, p.42)

Assim, entendemos que as “relações dialógicas” estruturam e constituem a própria linguagem humana, estabelecendo nexos entre os sujeitos e tudo aquilo que possui um sentido. O dialogismo, num sentido mais amplo, está presente em toda comunicação verbal, de qualquer tipo e gênero, excluindo-se, é importante frisar, as relações puramente “mecânicas”, às quais Dostoiévski, segundo Bakhtin (1997, p. 42), negou importância para a “compreensão e a interpretação da vida e dos atos do homem”.

Nessa perspectiva discursiva da linguagem, observe-se, ainda, que os enunciados são considerados como vivos, grávidos de “atitudes responsivas”, isto é, pressupõem, ao serem formulados, respostas iminentes, ainda que a resposta seja o silêncio: o ouvinte torna-se falante; o leitor torna-se escritor, no âmbito de uma linguagem atenta ao “papel ativo do *outro* no processo de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 273). A concepção dialógica da linguagem considera, portanto, que todo “sujeito falante” é, por sua própria natureza, um “sujeito respondente”, pois cada enunciado constitui um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (p.272). Cada enunciado implica a existência de um sistema linguístico e se alimenta de enunciados anteriores, do mesmo “eu”, ou de um “outro”. Confirmando, polemizando, ou simplesmente implicando a consideração de outros enunciados já conhecidos, já-ditos, os novos enunciados pressupõem, por sua vez, outros enunciados, ainda-não-ditos, desencadeados pela atitude responsiva ativa de cada um dos falantes.

1. Registros da velhice

Escrito no ano de 1969, *Na ronda do tempo* configura-se como diário íntimo. Em suas páginas, coexistem comentários sobre as leituras realizadas ao sabor dos dias e registros de visitas efetivamente recebidas por Luís da Câmara Cascudo na sua casa da Avenida Junqueira Aires durante o último ano da década de 1960. As anotações se sucedem no livro, obedientes à cronologia, atentas às datas do calendário, e encerram descrições dos acontecimentos cotidianos, bem como as impressões que eles despertam no espírito do diarista.

Sobre essa escrita cotidiana, Maurice Blanchot afirma:

“[...] o diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. [...] Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. O que se escreve se enraíza então, quer se queira, quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita” (BLANCHOT, 2005, p. 270)

De fato, os registros cascudianos, que, a um primeiro olhar, parecem leves e desordenados, obedecem ao pacto da escrita imposta pela regularidade dos dias. Nessas linhas confidenciais, conhecemos a vida íntima de Luís da Câmara Cascudo, que se coloca como um sujeito velho cuja vida é pautada por hábitos corriqueiros. No entanto, apesar do caráter íntimo da escrita, percebemos que seu autor, professor e pesquisador amplamente reconhecido, previa a sua publicação, a ponto de redigir sua última anotação, situada temporalmente nas primeiras horas do ano de 1970, como um prefácio para o livro a ser publicado.

Esse prefácio, cujo título – “No princípio era o verbo...” – transcreve as palavras da Bíblia, tem início com uma afirmação sobre a natureza íntima e confidencial do volume, que se soma a *O tempo e eu* e ao *Pequeno manual do doente aprendiz*, livros publicados nos dois anos anteriores. Ainda nessa apresentação, Cascudo define suas notas como “solilóquios de um velho professor aposentado e no aposento de sua pequenina biblioteca. Registro de visitas e pensamentos que o procuraram durante um ano” (CASCUDO, 2010a, p. 17).

Nesse inventário de registros “de visitas e pensamentos”, podemos perceber a sua posição atual diante da existência: a de um homem que já viveu bastante, conhece bem as dissonâncias da socialidade, e, de modo compreensível, sente a necessidade premente de se voltar para si, para suas predileções primeiras, a fim de dar forma comunicável a essa vivência íntima. Colocando-se como observador do cotidiano e da coletividade que, ao mesmo tempo, o conformam e são conformados por sua escrita, Cascudo se propõe acompanhá-los, agora à distância, para, em seguida, entregar ao mundo as reflexões que eles motivaram.

A própria ideia que dá origem ao *Prelúdio* – a imortalidade das almas e dos pensamentos –, conforme discutiremos na próxima seção deste artigo, é explicitada no prefácio de *Na ronda do tempo*:

Sinto em minha solitária companhia as multidões convividas. Ninguém morre. A paisagem regressa às velhas proporções, sempre que desejo. O arranha-céu volta a ser uma residência familiar onde dancei. Onde rodam os automóveis, passo remando numa ióle [sic]. Ninguém recorda as ‘eternidades’ intelectuais pulverizadas (CASCUDO, 2010a, p. 18).

Nestas palavras, nota-se um Luís da Câmara Cascudo ocupado em recriar, por meio da escrita, espaços que ele efetivamente habitou, pois neles transcorreu sua existência, e, desse modo, povoar a solidão da sua velhice com as multidões das vozes ouvidas outrora. Esse pensamento, quase ideia fixa, é recorrente nas suas obras da maturidade e se relaciona com a crença na imortalidade das almas e da criação espiritual. Em anotação datada de 12 de junho de 1969 (CASCUDO, 2010a), por exemplo, o diarista apresenta essa ideia, valendo-se da imagem metafórica da cidade.

A tese defendida é a de que os livros, em vez de morrer, migram dos lugares em que já não circulavam para os bairros afastados, onde sobrevivem, esquecidos e pacientes, aguardando que um leitor os encontre de modo casual. Por meio da leitura, o leitor convive mentalmente com os autores redescobertos e percebe a contemporaneidade (palavra bastante apreciada por Cascudo) das ideias deles, repondo-as em circulação. Desse modo, entre “olvidos e regressos”, equiparam-se, no trato com essas “multidões convividas”, inacessíveis na sua materialidade, mas presentificadas no ato da leitura e por meio da memória, as companhias físicas e as companhias imaginárias.

Através da leitura, são revisitados lugares geográficos a que Cascudo retorna, confirmando sua veia tradicionalista, para sair em antigas embarcações à procura de intelectuais esquecidos. Na tessitura coesa das obras, essa ideia parece tomada por Cascudo como um motivo a ser desenvolvido por meio de pequenas variações, livro após livro. De fato, a partir da percepção da permanência válida de pensamentos antigos em pleno século XX, isto é, da “contemporaneidade” deles, como será desenvolvido no *Prelúdio*, Cascudo discute questões relativas ao “novo” e à “novidade”, chegando à conclusão de que “boa parte da nossa impressão de Novidades explica-se pela ignorância das coisas antigas” (CASCUDO, 2010b, p. 124).

Sendo assim, aspectos da escrita cascudiana, presentes em seus primeiros textos, concentram-se e “apuram-se” nos escritos da sua maturidade ao se associarem com temáticas memorialistas e com a experiência do estudioso então no outono da sua vida.

Essas lembranças são condizentes com a máxima enunciada em *Ontem: maginações e notas de um professor de província* – “Se tua vida interior não constituir uma companhia na velhice, foi inútil a Cultura conquistada” (CASCUDO, 2010b, p. 111). Na solidão que costuma caracterizar o período atualmente denominado terceira idade, Cascudo parece buscar as vozes do passado e das suas leituras para animar com debates e exposições sua vida, agora pacata e sedentária, de professor aposentado, devolvendo-lhe, pela colaboração da sua memória afetiva, o brilho ruidoso de antigamente.

As notas consignadas nas páginas de *Ontem* reúnem, ao mesmo tempo, a melancolia gerada pelas limitações físicas do homem que viu um século e o seu interesse incessante pela leitura e por sua imagem de professor, construída ao longo da sua existência: “O CORPO E EU – Antigamente, o corpo levava-me, airoso e fácil, à fruição dos sentidos embriagados pela Vida. Agora, arrasto, pesado e lento, o corpo, para as derradeiras obrigações orgânicas (CASCUDO, 2010b, p. 74)”.

Ontem, de 1972, é constituído por notas que abordam as mais variadas temáticas. A pluralidade dos assuntos discutidos nesse caderno de anotações reflete a multiplicidade de interesses de Cascudo, que discorre livremente acerca da sua experiência como professor, historiador e leitor de literatura. Dispensando a organização em capítulos, a datação e até mesmo a disposição alfabética ou em blocos temáticos, o livro apresenta-se como um caderno de memórias e de apontamentos cujos registros são, em sua maioria, breves e caracterizados por uma escrita leve, coloquial e de variados matizes.

Esses apontamentos dão a conhecer a imagem que o sujeito da escrita elabora de si mesmo e o modo como se interpenetram intensamente, em seu texto, as memórias das leituras efetuadas e as memórias da vida “vivida”. Embora altamente reveladores do percurso humano e intelectual de Cascudo, tais apontamentos ainda não receberam a devida atenção dos estudiosos da sua obra. Góes (2006), por exemplo, chega a comentar a pluralidade e a versatilidade das temáticas de *Ontem*, mas sequer menciona a temática que estamos ressaltando. Como na maioria dos estudos sobre a obra de Cascudo, o autor adota uma perspectiva estritamente histórica, elegendo como ponto alto do livro a descrição dos tipos populares de Natal. Nenhuma pesquisa atentou, por exemplo, para o que sugere Luís da Câmara Cascudo, indicando a grande característica da arte, sua inutilidade: “– Sugestão para um livro inútil e lógico: Memórias de um Leitor!” (CASCUDO, 2010b, p. 97). A partir desse registro fundamental, podemos considerar que o próprio Cascudo nos oferece uma chave de leitura para seus escritos da maturidade.

Como observa Ricœur (2007, p. 40), “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. A memória, portanto, não deve ser vista unicamente como a habilidade de registrar dados mnemônicos. Ao contrário, podemos, pela rememoração, atribuir novos significados aos momentos vividos e à nossa própria história.

Ainda sobre a possibilidade de (re)significação a partir da memória, lemos em Le Goff (1990, p. 476): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar **identidade**, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Desse modo, podemos imaginar que, ao registrar suas lembranças, seus pensamentos e suas memórias de leitor, Luís da Câmara Cascudo procura um significado especial para sua existência, reconhecendo-se como intelectual e afirmando sua identidade a partir da trajetória acadêmica por ele vivida.

Nos registros cascudianos citados anteriormente, percebemos uma espécie de tensão. O memorialista são dois: por um lado, um escritor maduro, professor, historiador reconhecido e identificado socialmente como “Mestre Cascudo”, como era saudado por muitos dos amigos e conhecidos que o procuravam. Por outro lado, o sujeito dessa escrita íntima, um velho solitário, limitado pelo declínio das suas funções orgânicas, que se volta para a recapitulação da sua vida.

Nesses registros, vislumbramos as duas faces distintas da velhice. Autoridade em certos assuntos, Luís da Câmara Cascudo desempenha o papel do velho como “[...] guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição” (BOSI, 1987, p. 40); a ele está associada a voz do narrador capaz de comunicar suas experiências, de perpetuar a memória social, uma vez que, por meio dela, tomamos conhecimento de fatos e feitos exteriores, próprios da socialidade dos indivíduos – visitas, convites, viagens internacionais. Soma-se a essa imagem pública a imagem de Cascudo vista por ele mesmo, refratada em suas lembranças e anotações. Com essa imagem, surge um sujeito isolado pela velhice, ratificando as palavras de Olievenstein (2001, p.11): “envelhecer, é entrar, [sic] pouco a pouco, por patamares, no isolamento”.

2. Conversas de leitor

De natureza híbrida, o *Prelúdio e fuga do real* dialoga com as obras memorialistas de Luís da Câmara Cascudo citadas anteriormente. Os capítulos do livro apresentam

conversas imaginárias de um narrador-personagem, que atende ao vocativo de “professor”, com artistas, poetas, filósofos, personagens da literatura ocidental, personalidades políticas, figuras religiosas e míticas. Ao longo da leitura, o leitor compreende que as conversas reunidas nesse livro são diálogos fictícios que ocorrem entre o narrador, representação ficcional do próprio Cascudo, e personagens da sua admiração.

Os diálogos são numerados e contêm, em seu título, o nome do interlocutor seguido, muitas vezes, de um subtítulo que reproduz o estilo do ensaio à maneira de Montaigne – “Epicuro. Do prazer sem os sentidos”, por exemplo. Nesses breves relatos de encontros, os personagens procuram o “professor” em sua casa ou conversam com ele em diferentes locais públicos (em aeroportos, *halls* de hotéis brasileiros e estrangeiros, ou em meio a viagens de trem, de navio, de automóvel), defendendo seus pontos de vista sobre a sociedade do século XX e comentando os traços do comportamento humano a partir de suas modificações proporcionadas pelas mudanças dos tempos. Ainda no tocante ao espaço, é válido observar que o nono diálogo (“Oannés. O Mar é o avô do Homem”) desenvolve-se na Praia do Forte, na cidade do Natal.

A ambivalência e a referência a outras obras já estão presentes no título do livro, pois o *Prelúdio e fuga do real* permite, pelo menos, duas leituras. A primeira diz respeito ao caráter dual da obra em relação à mimese: é um prelúdio, um prenúncio, do real, e, ao mesmo tempo, uma tentativa de superação dos seus limites, ou seja, uma problematização da realidade pela ficção. A partir dessa leitura, podemos refletir sobre a natureza híbrida da obra. Seu hibridismo genérico está vinculado à natureza móvel do livro: ficcional, ensaística e memorialística. Para constituir esse traço, concorrem o amor que seu autor sempre dedicou aos livros, seu apreço pelo passado, o hábito de conversar e de materializar seus pensamentos e recordações na forma de diálogos literários.

Em seu primeiro contato com o *Prelúdio e fuga do real*, o leitor depara-se com uma voz narrativa que, de saída, se contrapõe à de uma senhora, tratada por “Madame”. Discordando da opinião do francês Gustave Flaubert e se associando ao pensamento do alemão Heinrich Heine, o narrador afirma a existência eterna dos espíritos:

Não, Madame, não creio que os deuses hajam morrido com a vitória do Cristianismo, como a senhora leu no *La Tentation de saint Antoine*, publicada por Gustave Flaubert em 1874. Sem pilhéria, tenho a mesma opinião de Henri Heine: **Ces Dieux ne sont pas morts, ce sont des êtres incréés**. Os espíritos não têm substância mortal. Estão acima da lei da Morte. Lúcifer não está vivo, descendo como estrela cadente do Céu para o abismo? (CASCUDO, 2014, p. 11, **grifo do autor**).

Essa afirmação inicial, em que está contido, em germe, o argumento basilar do livro, caracteriza um aspecto recorrente na grande obra cascudiana (cf. NEVES, 2004). Da defesa da imortalidade do espírito, decorre uma conclusão: a existência eterna dos deuses e dos homens pensantes (para Cascudo, esses homens seriam os profetas, os guerreiros, os patriarcas e os poetas). A ideia apresentada é desenvolvida e sustentada ao longo desse capítulo inicial, cujo título enigmático – “Não abaneis a cabeça” – refuta de antemão a provável incredulidade da interlocutora intradieética, a “Madame”, ao mesmo tempo em que justifica a obra, composta por diálogos com os mortos. Como todos os demais capítulos do livro, esse preâmbulo remete a várias obras por meio de citações ou de paráfrases, mas parte substancialmente de uma obra específica. Nesse caso, uma crônica de Machado de Assis, datada de 22 de novembro de 1896 e publicada no jornal *A semana*.

Ao citar a crônica de Machado de Assis, Cascudo também utiliza o recurso argumentativo que consiste em antecipar a descrença do interlocutor em relação às ideias que lhe são apresentadas. Esse recurso acentua o caráter dialógico, inerente à escrita ensaística do prosador da Avenida Junqueira Aires, e confere ao seu texto marcas de oralidade que, segundo Matias (2007), promovem uma dinâmica argumentativa humanizada e complexa que aproxima autor e leitor. Desse modo, podemos considerar que a “Madame” a quem o “eu ensaístico” cascudiano se dirige no capítulo introdutório do *Prelúdio* refere-se tanto a uma interlocutora interna da obra quanto ao seu leitor. A partir desses elementos, podemos depreender a visão que Luís da Câmara Cascudo formou da literatura. Para ele, a escrita é a permanente possibilidade de um diálogo, e o intercâmbio cultural promovido pela leitura literária é tão real e efetivo como aquele que ocorre numa conversa cotidiana presencial. Na verdade, entendemos que, para o autor, essa interlocução entre os séculos é real e profícua, além de possibilitar uma reflexão sobre os acontecimentos ocorridos no plano daquilo que nos acostumamos a denominar “realidade”. Essa ideia talvez constitua o cerne temático do *Prelúdio e fuga do real*.

Diferentemente dos demais capítulos, o primeiro expõe os argumentos do narrador da obra, mas não os do seu interlocutor, assim como não há descrição do ambiente, nem da personagem. A voz narrativa do *Prelúdio* apresenta-se como brasileira (“Nós do Brasil”) e, a partir dos capítulos seguintes, revela-se um *alter ego* de Câmara Cascudo (cf. SANTOS, 2004). No preâmbulo, entretanto, essa voz apenas discorre, na primeira pessoa do singular, sobre a presença dos antepassados na contemporaneidade. Da defesa da eternidade dos espíritos, explicitada anteriormente, deduz-se a presença dos mortos no cotidiano, ou seja, a vigência da tradição na modernidade. Como argumentos,

são invocados princípios religiosos (a imortalidade do espírito), científicos (a descoberta evolucionista e a teoria do inconsciente) e literários (a literatura é encarada como um grande diálogo com os mortos).

Configura-se, portanto, na escrita do *Prelúdio e fuga do real*, um amálgama de discursos de naturezas distintas: jornalística, religiosa, literária, científica. É importante observar que os princípios religiosos reaparecem muitas vezes ao longo do livro, uma vez que as afirmações do narrador remetem frequentemente a cenas bíblicas. No entanto, Cascudo não se apresenta como um crente no que diz respeito ao discurso religioso, mas dele se utiliza como o faria um pesquisador ou um teólogo.

O curioso é que os princípios religiosos, científicos e literários que, conforme dissemos anteriormente, são utilizados como argumentos para justificar a imortalidade dos mortos e, por extensão, a escrita dessas conversas imaginadas, retomam temáticas e até mesmo anotações de outras obras de Luís da Câmara Cascudo, sugerindo uma continuidade da sua obra. Vejamos.

No tocante ao universo literário, foco e principal objeto de interesse da nossa pesquisa, destacam-se, no *Prelúdio*, as referências a Luciano de Samósata, que nasceu na cidade homônima, província romana da antiga Síria, situada na margem direita do rio Eufrates, provavelmente entre os anos de 120 e 125 d.C. Autor de uma obra extensa e variada, o escritor sírio, como ele mesmo se definia, dedicou-se, primeiramente, a estudos de retórica e de sofística, voltando-se mais tarde, na maturidade, para o gênero satírico, e adotando o diálogo como forma de expressão. Seus diálogos são os principais responsáveis por sua consagração posterior. Nessa forma, Luciano combateu, por meio da ironia, da imitação e da paráfrase os vícios de seus contemporâneos. Dessa capacidade de recriar e habitar o passado, surgiram os *Diálogos dos mortos*, os *Diálogos dos deuses*, os *Diálogos das cortesãs* e os *Diálogos menipeus*.

Leitor atento dos clássicos ocidentais, Luís da Câmara Cascudo registrou suas impressões sobre o escritor satírico numa anotação datada de 18 de fevereiro de 1969:

Três dias lendo Luciano de Samosata [sic] e Plauto. Descrendo de todas as religiões, Luciano acabou acreditando apenas nele mesmo. Deixou de sentir a medula essencial por haver-se saciado com as cascas dialéticas. Zombou de tanta gente que não lhe restou motivo para amar. Plauto é o teatro-panorama da Roma republicana e consultar [sic], fixando os elementos não históricos, não importantes, os indispensáveis e anônimos da glória romana. Devo-lhe muita aproximação ao cotidiano que os historiadores desdenham (CASCUDO, 2010a, p. 77).

A extrema agudeza da sátira de Luciano leva Cascudo a julgá-lo exagerado nas suas avaliações da sociedade, em comparação com os registros históricos, repletos de informações sobre o cotidiano, consignados por Plauto. Essa visão de Luciano como um satírico exacerbado e um deturpador das histórias é retomada por Cascudo no *Prelúdio e fuga do real*. Ao longo dos diálogos que formam o livro, o nome do escritor samosatense é mencionado várias vezes nas falas dos interlocutores do narrador. Essas menções nos dão a conhecer, por exemplo, as obras de Luciano que foram lidas por Cascudo, assim como seu parecer (expresso na voz de seus interlocutores) em relação a elas.

Ainda no trecho de *Na ronda do tempo* citado anteriormente, encontramos a imagem de um leitor que, estimulado pelo seu contato frequente com o texto literário, intensifica, com a sua atitude, o caráter íntimo e pessoal desse diálogo entre os séculos, que caracteriza, em certa medida, a prática geral da literatura. O fragmento citado é o início de um registro, no qual Cascudo segue comentando as visitas que recebera naquele dia, assim como a notícia do falecimento de um amigo, o desembargador Silvino Bezerra Neto. O que se depreende da leitura desse registro é o modo intenso como o mestre da Junqueira Aires vivenciava suas leituras, a ponto mesmo de privilegiá-las em detrimento dos acontecimentos “reais”.

O *Prelúdio e fuga do real* pode ser visto, em seu conjunto, como uma resposta às sátiras de Luciano, sendo perceptível, nele, o diálogo que se estabelece entre as obras dos dois escritores. A obra mais conhecida do sírio, *Diálogo dos mortos*, é composta de trinta diálogos curtos, dos quais participam deuses e figuras notáveis da mitologia e da história da Grécia Antiga, bem como os filósofos cínicos Diógenes e Menipo, que contestam os outros mortos, discutindo, com ironia, a debilidade das ideias e das atitudes que foram as deles enquanto viviam.

Assim como essa referência aos *Diálogos dos Mortos*, podem ser traçadas outras correspondências entre trechos de *Na ronda do tempo*, *Ontem* e outros livros de Luís da Câmara Cascudo, e passagens de *Prelúdio e fuga do real*, o que nos permite afirmar que esses diálogos cascudianos condensam pensamentos que refletem a trajetória intelectual do seu autor. Além disso, as relações que aqueles dois livros estabelecem com este último lembram o que Maurice Blanchot chama de “diário da experiência criativa”: “É tentador, para o escritor, manter um diário da obra que está escrevendo. Isso é possível?” (BLANCHOT, 2005, p. 276).

Dessa forma, cabe a pergunta: seria o *Prelúdio e fuga do real*, livro que Luís da Câmara Cascudo relutou em publicar¹, a realização, sob a forma das “Memórias de um leitor”, da sua ideia registrada no diário *Ontem: maginações e notas de um professor de província*?

3. Algumas considerações

Ao longo deste artigo, observamos o diálogo existente entre as obras *Na ronda do tempo*, *Ontem: maginações e notas de um professor de província* e *Prelúdio e fuga do real*, escritas por Luís da Câmara Cascudo. Nele, procuramos considerar relações de aproximação e de distanciamento entre as obras estudadas. As duas primeiras configuram-se como diários íntimos do escritor, reunindo, em suas páginas, memórias, apontamentos e registros de convites e visitas recebidas por Cascudo em sua casa. Nesses registros, a imagem do célebre folclorista aparece com sua dupla face: sua imagem pública de professor respeitado, ratificada pela frequência de visitas e convites; a imagem íntima e fenomenológica de um homem com seus setenta anos que resiste, ao registrá-las, às dificuldades impostas pela velhice.

Prelúdio e fuga do real, por sua vez, apresenta diálogos literários entre um narrador memorialista que conversa imaginariamente com escritores, personagens e personalidades da sua predileção. Nessas conversas, redigidas durante os últimos anos da década de 1960 e os primeiros da década de 1970, Luís da Câmara Cascudo consolida muitos dos seus pensamentos, entrega-se à escrita ficcional e reforça a sua identidade de professor e leitor do cânone literário ocidental, como certamente gostaria de ser lembrado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28393>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Revista. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

¹ Diógenes da Cunha Lima, na orelha da primeira edição do *Prelúdio*, comenta: “Foi um trabalho conseguir do mestre Cascudo a autorização para publicar este prelúdio e fuga do real. Não publicaria em Natal, era fora de sua obra, já havia recusado. Enfim, tudo desculpas de pai ciumento, que esconde o menino-prodígio da curiosidade bisbilhoteira. Os originais permaneceriam, em encadernação verde, na estante. Ao lado de mais de cem títulos do autor, editados. Antropologia, etnografia, folclore, sociologia, história, verdades. (LIMA, 1974, [orelha do livro]).

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz : Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARVALHAL, T. F. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. Vale do Rio dos Sinos: Unisinos, 2003.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios; 58).

CASCUDO, L. da C. *Na ronda do tempo*. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010a. (Coleção Câmara Cascudo: memória).

CASCUDO, L. da C. *Ontem: maginações e notas e um professor de província*. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010b. (Coleção Câmara Cascudo: memória).

CASCUDO, L. da C. *Prelúdio e fuga do real*. 2. ed. São Paulo; Natal: Global, 2014.

GÓES, M. de. Ontem – memórias. In: SILVA, M. (Org.). *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 227-231.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, D. da C. Orelha do livro. In: CASCUDO, L. da C. *Prelúdio e fuga do real*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.

MATIAS, A. M. R. S. *Ensaio: texto de simbioses proteicas*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2007, Santa Catarina. Anais eletrônicos. Santa Catarina: UNISUL, 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/14.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

NEVES, M. de S. *Literatura*. Prelúdio e fuga do real. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF, Fortaleza*, v. 9, n. 17, p. 79-104, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.

OLIEVENSTEIN, C. *O nascimento da velhice*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

RICŒUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. –Campinas, Sp: Editora da Unicamp, 2007.

SAMÓSATA, L. *Luciano – Diálogos dos Mortos*. Trad. e notas de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo, Hucitec, 1996.

MEDEIROS, R. L. Entre memória e ficção: uma leitura dos registros cascudianos

SANTOS, T. G. dos. Prelúdio e fuga de um saber bem humorado. In: MAIA, I. R. (Org.). *Cascudo: Guardiã das nossas tradições*. Natal: FGD/FVUR, 2004. p. 289-300. (Coleção Mossoroense).

Artigo submetido para avaliação em 09/10/2016; publicado em 09/11/2016